



VIDA PAROQUIAL

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA



NOVEMBRO

As últimas folhas caíram e a natureza despida da beleza verde e cantante parece adormecida. É a aproximação do inverno, de neve e de frio, é o sono das coisas.

Tudo parece convidar-nos à meditação. E até a liturgia, dedicando este mês às almas do Purgatório, quis incarnar-se nessa meditação.

De facto este mês vem trazer-nos ao pensamento, a nós os que acreditamos na vida futura, a memória dos nossos entes queridos, pais, filhos, irmãos, amigos e conhecidos que dormem o sono da morte, que, no além, quem sabe, podem sofrer ainda temporariamente o afastamento de Deus.

Aos nossos ouvidos chega o seu clamor doloroso: «Tende compaixão de mim, tende compaixão de mim, ao menos vós que sois meus amigos». E este grito lancinante deve penetrar a nossa alma e lançar para o alto, pelos nossos corações, o alívio, a paz, a tranquilidade.

Ninguém por menos ilustrado que seja desconhece o carinho com que os povos antigos cuidavam dos seus mortos, como eles ofereciam às Divindades as oferendas para alívio dos que haviam morrido.

Não falando dos egípcios, dos persas, dos gregos, dos romanos, basta abirmos as páginas elucidativas do livro 2.º dos Macabeus, 12 para verificarmos esse cuidado extremo: «Naqueles dias: Um homem fortíssimo, de nome Judas, feita uma recolha de donativos, mandou doze mil dracmas para Jerusalém para que se oferecesse um sacrifício pelos pecados dos mortos... É santo e salutar orar pelos defuntos, para que sejam livres dos seus pecados».

E nós católicos?!

O problema para nós tem mais acuidade, reveste-se de maiores responsabilidades.

E compreende-se pois ninguém como nós sabe, pela teologia, que após esta vida há outra sem fim e cujo destino só Deus conhece.

Urge pois orar pelas almas do Purgatório, sempre, mas de modo especial neste mês. Que a devoção às almas do Purgatório de tão arreigada tradição em Portugal se mantenha e avive e sobretudo a oração em comum, lembrando-se de que os filhos não esquecerão os seus pais um dia, quando a morte lhes bater à porta, pois vêem que os pais se não esquecem dos seus.

OBSERVANDO E MEDITANDO

II

Era uma criança pequenina.

Rosto redondo de encantar: faces rosadas, nariz afilado e inteligente, olhos vivos, azuis como o belo azul do céu. Palmo e meio, a criancita era o encanto de seus pais, que lhe dedicavam um amor sem limites. Tudo o que aos pais pedia, qualquer desejo, apenas visionado, era imediatamente satisfeito. E a criança foi crescendo neste ambiente de satisfação plena, de facilidades, de não domínio de tendências.

Foi crescendo e fez-se adolescente e jovem e olhou para a vida.

Habituada a satisfazer os seus caprichos, viu despontar em si desejos desconhecidos até aí e procurou satisfazê-los, sem domínio, nem barreiras.

E tudo eram rosas. Mas a criança doutroza começou a olhar o mundo, que lhe pareceu uma máquina complicada. E começou a sentir que os outros só valiam para lhe servir, como os pais o haviam habituado e até os próprios pais começam a ser peças da mesma engrenagem, apenas base das suas ambições. E a criança rosada tornou-se forte, músculo vigoroso; e tornou-se tiranete, o que outrora fora um brinquedo dos pais.

(Continua na 3.ª pág.)

CATECISMO



"Ardens et
lucens." (S. João)

O SALVADOR DO MUNDO JESUS CRISTO

IX LIÇÃO

Segundo e terceiro artigos do Credo

...E em Jesus Cristo, seu Filho único, Nosso Senhor, que foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria...

O Mistério da Encarnação

1 — Nosso Senhor Jesus Cristo

Deus prometera a Adão e Eva que lhes daria um Salvador. Muito tempo após a falta, escolheu um pequeno povo a quem deu o país que hoje chamamos a Palestina. Tudo o que aconteceu a este povo está contido na História Sagrada. Lê-se que Deus renovou a promessa do Salvador a Abraão, aos patriarcas Isaac e Jacob, enfim aos profetas que impediram o povo judaico de esquecer o verdadeiro Deus e que anunciaram a vinda do Messias. Ele veio no momento fixado.

O Messias esperado, é Jesus. Jesus é o Filho de Deus feito homem. Tem um corpo e uma alma como nós. A sua Mãe é a bemaventurada

Virgem Maria. Ele chama-se Jesus, o que quer dizer Salvador.

Mas não é só um homem, é um Deus, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade.

Quando Jesus diz: «Eu tenho fome, tenho sede, sofro», ou quando diz a um doente: «Eu quero, sê curado», fala como homem e como Deus, mas é sempre a pessoa do Filho de Deus que fala. N'Ele não há senão esta pessoa.

Este mistério do Filho de Deus que se fez homem, é o mistério da Encarnação.

LIÇÃO

1 — Deus abandonou os homens após o pecado de Adão e Eva?

— Não, mas prometeu-lhe um Salvador.

2 — E esse Salvador veio?

— Veio: é o Filho de Deus feito homem.

3 — O que é o Mistério da Encarnação?

— É o mistério do Filho de Deus feito homem.

4 — Como é que o Filho de Deus se fez homem?

— Fez-se homem tomando um corpo e uma alma semelhantes às nossas no seio da Virgem Maria.

5 — Porque é que o Filho de Deus se fez homem?

— Fez-se homem para nos salvar e nos instruir pela sua palavra e seus exemplos.

6 — Como se chama o Filho de Deus feito homem?

— Chama-se Jesus Cristo.

Nota — O nome de «Jesus» significa Salvador. O nome de

«Cristo» significa Messias, isto é, Sacerdote e rei de todos os homens.

7 — Jesus Cristo é na verdade Deus?

— Sim é o Filho de Deus, igual em tudo a seu Pai.

Nota — «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho único» (S. João, III, 16).

8 — Jesus Cristo é verdadeiro homem?

— É verdadeiro homem pois tem corpo e alma como nós.

9 — Quantas naturezas há em Jesus Cristo?

— Duas: a natureza humana pois é homem e a divina pois é Deus.

10 — Quantas pessoas há em Jesus Cristo?

— Uma só, que é a pessoa do Filho de Deus.

*

Para a minha vida — Pensarei que o menino do Presépio é Aquele «pelo qual tudo foi feito» e adorá-lo-ei.

Oração — Meu Senhor e meu Deus!

Palavra de Deus — «O Verbo se fez carne» (S. João 1, 14).

*

Liturgia — Afim de nos prepararmos para bem celebrar a festa do Natal, a Igreja instituiu o tempo do Advento que compreende os quatro domingos que precedem o Natal.

É um tempo de oração e de penitência. E por isso o sacerdote usa os paramentos roxos e na Missa não se diz o «Glória in Excelsi».

No dia 25 de Março — festa da Anunciação — as vestes sagradas são de cor branca.

VIDA DA PARÓQUIA

Passeio da Cruzada

Foi num dia risonho de Setembro que teve lugar o passeio anual da Cruzada Eucarística desta freguesia.

O dia 28 de Setembro veio dar alegria e entusiasmo a perto de 80 crianças de ambos os sexos, que, com o seu farnel e a vivacidade dos seus anos meninos, fizeram vibrar as camionetas durante todo o percurso.

O almoço — batatas com sardinha — foi preparado junto à Ponte de Bouçã, frente ao rio Zêzere.

Tudo foi alegria e esvoaçar de gargalhadas alegres. E lá fomos, com os estômagos compostos, até Sernache do Bonjardim, onde visitámos a Igreja e a Quinta do Seminário das Missões.

Por fim na companhia do Sr. P.º Lima fomos ver as obras da grandiosa Barragem do Cabril, onde permanecemos algumas horas.

Subimos ao Santuário da S.ª da Confiança, rezando à uma *Avé Maria*, pedindo à Nossa Mãe do Céu as graças para o nosso apotlado.

Era já noite quando chegámos à querida Vila, que nos foi berço, após a reza do terço e a boa disposição da caminhada.

Tudo correu bem. Deus permita que não seja a última vez.

+

Os nossos pobres

A Igreja Paroquial vai procurar aliviar os seus pobres com a criação do Pão dos Pobres. Deixai as vossas esmolos na Caixa que para esse fim se destina e Deus vos recompensará.

O Peditório para a nossa pobre deu 364\$10.

+

Assinaturas

Pagaram as suas assinaturas: Srs. Dr. Joaquim José Fernandes, 20\$00; Dr. Manuel Silva Passos, 13\$50; Constantino dos Reis, 12\$50; Manuel Dias dos Reis e D. Almerinda Paiva David, 10\$00; Jenoveva Sousa e Silva e D. Albertina Cunha, 6\$00; Aurélia de Jesus Oliveira, 15\$00. Bem hajam.

OBSERVANDO E MEDITANDO

(Continuado da 1.ª página)

Mas a vida vai abrindo novos horizontes, as agruras batem à porta e então, sem preparação para as dificuldades, nasce, na alma dos jovens, a revolta, o ódio, o desejo de vingança.

E por isso os jornais relatam crimes horrorosos, cometidos por jovens contra todos e até contra os pais e muitos ficam surpresos, quando afinal a culpa foi apenas daqueles que julgam que educar é fazer todas as vontades, satisfazer todos os desejos.

Mudem-se os métodos e ficará mudada a juventude. Haja lares modelo e haverá jovens sãos de corpo e alma porque a vida não é rastejar, a vida é elevação, é Deus a bafejar a existência.

F.

— 28 —

Com o fervor de um anjo, vestida de branco, a Mariazinha recebeu Jesus das mãos dum Padre Passionista, que a exortou a permanecer sempre pura, a todo o custo, mesmo até morrer, afim de nunca perder Jesus com o pecado. E foi tão profundo o seu recolhimento naquele primeiro beijo de Jesus à sua alma, o primeiro abraço com Ele, que, ainda depois, na sacristia, aonde foi agradecer ao Padre, permaneceu muda e fora de si, inebriada com as carícias e doçuras divinas. «*A Primeira Comunhão da minha Mariazinha, repetiu muitas vezes a mãe, foi digna de uma santa!*» (1)

A Primeira Comunhão ofereceu-a em sufrágio da alma do seu querido paizinho... cuja ausência naquele dia de festa tornou-se tão viva

(1) Para nos capacitarmos disso, basta lembrar o que na manhã do grande dia disse ao Anjo, seu irmãozinho que devia comungar mais ela e que antes de sair de casa aborrecia a mãe: «*Como?! — repreendeu-o ela — inquietas a mãe mesmo agora que vais receber Jesus? Pensa bem no que fazes! Agora ao menos deves tornar-te melhor.*»

— 25 —

O PRIMEIRO ÓSCULO

A Eucaristia formou sempre os mártires; os mártires, chamados a dar a vida por Deus, e os mártires que querem pôr Deus na sua vida, em cada hora da sua vida. Alma tão angelical como esta, bem merecia e bem precisava receber Jesus na Sagrada Comunhão, mais cedo do que era costume; porém, os infortúnios da família, a sua extrema pobreza, e também o costume daquele tempo de esperar os doze anos para admitir as crianças à Sagrada Mesa, retardaram à angélica Mariazinha a dita de albergar no seu coração a Jesus. E, não obstante, ela amava-O tanto!... Aos domingos, ao ver as outras pessoas, e a sua própria mãe, e a sua madrinha, alimentarem-se com o Pão dos Anjos, devoravam-na desejos ardentes de O receber também. E deveu-se ao esforço da sua piedade a vitória dos obstáculos que se opunham à sua Primeira Comunhão. A mãe relata ainda hoje este diálogo comovedor da nossa Bemaventurada.

— *Mãezinha, — dizia com ternura — e eu quando farei a minha Primeira Comunhão? Eu quero tanto receber a Jesus!*

HISTÓRIA PAI E REI

Nascimento de Moisés

Cresceram os descendentes de Jacob, ou Israel, a ponto de se tornarem um grande povo. No entanto, passou a ocupar o trono do Egipto novo Rei, o qual não conhecera a José e entrou a ter inveja e medo do povo de Israel. Pelo que, ordenou que fossem os Israelitas postos em cativeiro e sujeitos a insano trabalho das fábricas de tijolo e afogados no Nilo todos os meninos varões que deles nascessem.

Ora, uma mulher de Israel teve um menino lindíssimo e como o amava extremosamente, ocultou-o por espaço de três meses. Mas vendo que não podia mais tê-lo escondido, tomou um cestinho de junco, calafetou-o com betume e pez, acomodou dentro o menino, e o expôs, cheia de confiança em Deus, no meio dos caniços à margem do rio. A irmã do menino ficou de longe à espreita.

Ora, permitiu Deus que a fi-

lha de Faraó viesse naquele dia ao rio para tomar seu banho, e logo que deu com os olhos no cestinho, mandou buscá-lo por uma das donzelas. Abrindo-o e achando dentro um formoso menino a chorar, ficou compadecida, e disse: — «Coitadinho, é um dos meninos dos Hebreus!» Nisto a irmã do menino se aproxima, e diz: — «Queres tu, senhora, que eu vá chamar uma mulher hebréa que amamente esta criança?» — «Vai, sim», respondeu a princesa; e a rapariga foi, saltando de alegria, chamar a mãe, à qual a filha do Faraó disse: — «Toma este menino, cria-o para mim, que eu te pagarei teu trabalho». A mãe tomou o menino, e o criou. Depois a filha de Faraó o adoptou por filho, e lhe pôs o nome de Moisés, que significa **salvo das águas**.

Nem todas as verdades se dizem! porém, há muitas que é necessário dizer e que até é criminoso calar.

Um dia o rei Henrique IV, para fazer a vontade ao seu filhinho, que depois foi Luís XIII, caminhava de «gatinhas» com o pequeno a cavaleiro das suas costas. Naquele momento entra um embaixador que precisava de lhe falar. Sem mudar de posição, o rei disse:

— Senhor embaixador, nunca foi pai?

— Sou-o, Majestade.

— Quando assim é, posso continuar o meu passeio.

Quando um pai ama do coração a seus filhos, quantos mimos e sacrificios! E Deus não é nosso pai? Quanta bondade usa connosco! Dá-nos a vida, conserva-no-la por tantos anos! E não basta. Faz-se menino por nosso amor e por nós morre sobre a Cruz!

E humilha-se por nós até se tornar o homem mais desprezado.

Conhece a nossa ingratidão, e contudo continua a amar-nos com ternura de pai, abaixa-se até nós para nos elevar até Ele.

E isto porquê? Porque nos ama. E nós como devemos proceder? Pagar-lhe com amor!

— 26 —

— Meu amor, como vais tu receber a Jesus, se ainda não sabes bem a doutrina? Não sabes ler... Falta-nos o dinheiro para te comprar o vestido, o calçado e o véu; e, além disso, não temos vagar. Há sempre tanto que fazer...!

— *Oh! mãezinha, assim nunca mais faço a Primeira Comunhão. Eu não quero estar mais tempo sem Jesus!...*

— E, meu amor, que pode fazer a pobre da tua mãezinha! Custa-me tanto contemplar-vos assim pobrezinhos e esfarrapadinhos!... Coitados!...

— *Ah! minha mãezinha, Deus providenciará. Olhe: na Conca está a Senhora Elvira (Elvira Schiasi) a governanta dos senhores Mazzoleni. Ela sabe ler. Eu prometo-lhes fazer primeiro todos os arranjos da casa, e depois todo o tempo que me ficar de vago, deixar-mo-á para ir à Conca aprender a doutrina. Também o Sr. Alfredo Paliani, que todos os domingos vem de Cisterna, ma pode ensinar ao mesmo tempo que a ensina aos outros que se preparam com ele para fazer a Primeira Comunhão.*

Foi-lhe, com efeito, concedida a tal licença. E a mãe e os conhecidos nos asseguram que a

— 27 —

Primeira Comunhão foi para a Mariazinha uma verdadeira preocupação. A senhora Assunção, não satisfeita com as lições que as Catequistas lhe deram, receando que a filhinha não estivesse suficientemente preparada para o grande acto, acompanhou-a à confissão com bastante antecedência e quis que um bondoso sacerdote a examinasse, sossegando somente quando o bom Padre a tranquilizou dizendo: «*Sossegue, pois está bem preparada... Entregue-a à Santíssima Virgem e não receie*».

Depois de estudar o catecismo por espaço de onze meses, de rezar muitas e muitas orações e de dar belos exemplos de virtude, no dia 20 de Maio de 1902, festa do Corpo de Deus, a angélica Maria, fez a sua Primeira Comunhão, na igreja de Conca, perto de Ferriere; e todas as pessoas piedosas do lugar, a obsequiaram e festejaram com abundantes presentes, pois toda a gente a amava por causa da sua bondade.

Antes de ir à igreja, pediu perdão das suas faltas à mãe, aos irmãos, aos vizinhos e até aos próprios coinquilinos Serenelli, um dos quais (Alexandre) havia de ser mais tarde o seu cruel assassino.